

**Poética e Filosofia – geleiras em fusão? Por um diálogo radical entre Poética e
Filosofia**
**Poetics and Philosophy – melting glaciers? For a radical dialogue between Poetics
and Philosophy**

André Vinicius Lira Costa¹

Instituto Federal do Tocantins

Resumo: Entende-se que Poética e Filosofia são áreas fundamentalmente distintas. Emmanuel Carneiro Leão, em “A filosofia na idade da ciência”, ressalta as palavras de Nietzsche, em *A gaia ciência*, que a filosofia vive nas geleiras das altas montanhas, tendo por única companhia o monte vizinho, onde mora o poeta. Por que alçar essa assertiva ao caráter de questão? Por que repensar o lugar da Filosofia que, oriunda da Poética, fez um esforço fundamental de afastamento do poético? Neste ensaio, discutir-se-á o lugar da Poética e da Filosofia tendo por eixo condutor o modo como tematizam a Linguagem. O título articula duas questões: por um lado, a similitude de Poética e Filosofia, daí uma junção das duas áreas; por outro, como estariam as geleiras do poeta e do filósofo (talvez o mesmo) em progressivo degelo, em virtude da supremacia científica e utilitária que marca a contemporaneidade. Trata-se de uma Poética em seu pleno vigor criativo, em que a *poiesis* desencadeia realidades como Linguagem; por outro lado, de uma Filosofia que se desprenda da metafísica e abraça sua negatividade: as questões, a ausência, o silêncio, a dinâmica da *phýsis* (já naturais para os poetas); por último, de uma Linguagem que não aceita ser reduzida à expressão humana, tampouco à representação do real: uma Linguagem que funda o real sendo real, que fundamenta o Ser sendo; essa Linguagem que, ao dizer, é radicalmente sempre poética – a mesma Linguagem com que se defrontam o poeta e o filósofo, de modo a colocar em suspeição, em última instância, os limites entre eles.

Palavras-chave: Poética; Filosofia; Linguagem; Poesia.

Abstract: It is said that Poetics and Philosophy are entirely distinct fields of study. Emmanuel Carneiro Leão, in “Philosophy in the scientific age”, points out Nietzsche’s thought in *Gay Science* that philosophy lives in the glaciers of high mountains, accompanied only by the neighbouring mountain, where the poet lives. Why should that relation be put into question? Why rethink the place of Philosophy, which, born out of Poetics, has made a decisive effort to distance itself from the poetic? In this essay, Poetics and Philosophy will be discussed by how they interpret Language. The title brings forth two questions: first, the proximity of Poetics and Philosophy, maybe even an agreement between them; second, how the poets’ and the philosophers’ glaciers (the same?) would be in progressive meltdown due to the scientific and utilitarian supremacy that distinguishes contemporaneity. Poetics is understood in its complete creative potential, in which *poiesis* unfolds realities as Language; on the other hand, Philosophy is freed from metaphysics and embraces its negativity: the open questions, the absence, the silence, the dynamics of *phýsis* (already familiar to poets); at last, it is about a Language that denies its reduction to human expression or representing reality: therefore, a Language that founds what is real, or Being presenting itself. Language that, in its saying, is radically and always poetic – the same Language that demands care from poets and philosophers, making their boundaries blur, ultimately.

Keywords: Poetics; Philosophy; Language; Poetry.

Recebido em 30 de setembro de 2017

Aceito em 15 de janeiro de 2018

¹ Docente do Instituto Federal do Tocantins. E-mail: andrebranco@yahoo.com.br

Para tratar de Poética e de Filosofia, é preciso dar-lhes um caráter de questão. Em realidade, não caberia a alguém fazer isso, já que transformar algo em questão está consagrado corriqueiramente como uma discussão acerca dos conceitos relacionados a dada coisa. Questionar é um movimento de escuta das questões já dadas, ou seja, um retorno persistente àquilo sempre dado, à mostra, o qual sempre se imagina superar com elucubrações – pode-se dessa forma tomar uma questão. Hermeneuticamente, não se trata de um avanço teórico, portanto, mas um pro-curar por aquilo que é mais essencial, radical, primário: o originário.

Para surpreender a questão já desde sempre questão, portanto, que se deixe mobilizar e conduzir por ela, na medida do possível, tal qual o poeta faz ao ouvir as Musas, filhas da Memória, pois “transcreve o que ouve, não o que as Musas falam” (CASTRO, 2006a), no horizonte do mito grego. Isso configura a escuta sempre zelosa e cuidadosa da Linguagem enquanto diá-logo, entre-dizer, do que não se sabe e não se supõe saber. Que se principie desde a Linguagem, portanto.

A questão do princípio está presente desde os mitos imemoriais, passando pela instituição da Filosofia, pelos contos hagiográficos ou litúrgicos, pela formalização da Ciência e por diversas obras da humanidade (como *Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, *A Origem da Obra de Arte*, de Heidegger ou até *A Origem das Espécies*, de Darwin; aqui também se incluem os mais diversos mitos cosmogônicos). Não é necessário o testemunho de uma literatura imensurável para evidenciar a magnitude da questão: sendo humano, simplesmente, pode-se tematizar a questão da origem – com o menor sentido possível de “reflexão filosófica” – como um espanto com a realidade ao qual não se pode deixar de responder.

Dir-se-ia que será na res-posta àquele apelo em que se diferenciariam o filósofo e o poeta. Porém, não se pode recorrer à dicotomia corrente, como se coubesse ao poeta o contrário do que cabe ao filósofo, pois o primeiro trata de mentiras e o segundo de verdades. Mesmo sem recorrer a essa oposição, ainda é por demais simplista dizer que “enquanto um responde pela arte, outro pelo pensamento” ou algo do gênero. Ora, basta defrontar-se com obras de poetas ou pensadores para constatar a presença de poesia em obras do pensamento (ditas filosóficas) e de pensamento em obras de arte.

A tendência é de segmentar as duas áreas e os dois fazeres como fundamentalmente distintos. O que é o fazer poético e fazer filosófico? É necessário

conversar com esses dois adjetivos e retomá-los ao seu sentido originário. De poético, chega-se à poesia, que por sua vez lança ao verbo grego *poiein*, agir, mas também criar, e há o poeta, *poietés*, o criador, em que as Musas, enquanto Linguagem, falam. É na e pela Linguagem que o poeta-músico-cantor irá fundar “o que é digno de ser memorável e o que institui tal dignidade [...] O poeta era o detentor da *sophía*, sabedoria do que era ou não digno de ser memorializável por seu canto” (JARDIM, 2004, p. 106), isto é, cumprirá o que lhe cabe como emissário da palavra poética, con-clamando todas as realidades possíveis no espaço-tempo poético. A Filosofia como instituição formal é oriunda exatamente da *sophía* poética, sabedoria com razão respeitada e sagrada, mas, ao desviar-se desse conhecimento do aedo e assim se firmar como a busca pelo eterno e imutável – a Verdade – será ironicamente a razão da derrocada da Poesia e de uma Filosofia “arcaica” (antiga, do grego *arché*, princípio). A *sophía* poética sobrevive no subsolo da era da ciência, já tendo ocorrido uma escolha pela primazia do discurso técnico-científico como produtora de verdade.

Como propõe Antonio Jardim, talvez o que ecoe como a Filosofia que se conhece seja o “[...] des-vio daquilo que nela clama e chama – a paixão, ou seja, ‘o fenômeno onde a palavra é o centro’ [...] Encontrar o centro é simultaneamente encontrar a palavra e a paixão” (JARDIM, 2004, p. 109). Articuladas dessa forma, Poesia e Filosofia sorveriam da mesma fonte, a Linguagem, uma vez que “a linguagem como o lugar radical de sobrevivência é o lugar em que se encontram definitiva e inelutavelmente poesia filosofia e paixão” (JARDIM, 2004, p. 110). O poético e o filosófico, conquanto estivessem em diá-logo constante com a mesma fonte – linguagem vigorando e conjugando *páthos*, paixão –, não por isso precisam se equivaler. Para além de uma dimensão originária, em que poético e filosófico fossem indistintos (em que o cantar-contar do *aidós* trataria de “dizer o que não pode ser dito, nomear o inominável” (PUCHEU, 1998, p. 26), seria descabido não admitir, hoje, a diferença dos dois fazeres, à maneira de separar música e poesia, por exemplo, por uma dis-posição cada vez mais separadora dos dois fazeres.

Se de fato o centro da Filosofia é a palavra, como tudo que instaura pelo dizer da palavra aquilo que é (*tò ón*), ela será sempre poética. Enquanto discurso que renova o arcaico e radical, não conseguirá jamais a Poesia se livrar de sua essência, o agir, na sua dimensão criadora, que haure, con-vida à vida. É por essa incapacidade de articular a paixão enquanto palavrar que a Filosofia se constituiu como sistemas teóricos e

abstratos de pensamento. O que se intui aqui, contudo, é que se a Filosofia conseguisse articular o fluir do rio em sua motricidade e dinamicidade, enquanto palavra, não seria Filosofia: seria Poesia. A Filosofia configurou-se, na fuga do sensível, conforme se recortasse do poético, refinando a precisão da ideia. Assim, continua sendo o valor referencial o poético. Trata-se tão-somente do princípio, ainda, da Filosofia: o poético. Nietzsche recomenda, em *A gaia ciência*, que se abandone o porto-seguro das justificações morais para a existência – ideias filosóficas – e se busquem novos mundos:

Esse capricho do orgulho temos que desaprender, por mais que até agora a humanidade o tenha aprendido e exercitado – não são confessores, conjuradores de almas e absolvedores de pecados que devemos instituir [...] É uma nova *justiça* que se faz necessária! E uma nova senha! E novos filósofos! [...] Há um outro mundo a descobrir – mais do que um! Embarquem, filósofos! (NIETZSCHE, 2001, p. 195)

A nova palavra de ordem seria a que entregasse o homem ao seu princípio, o que importa:

Tais espíritos – podem ser espíritos de primeira ordem – visam sempre configurar ou interpretar a si mesmos e ao seu ambiente como natureza *livre* – selvagem, arbitrária, fantástica, desordenada, surpreendente: e fazem bem ao fazê-lo, pois somente assim fazem bem a si próprios! Pois uma coisa é necessária: que o homem *atinja* a sua satisfação consigo – seja mediante esta ou aquela criação e arte: apenas então é tolerável olhar para o ser humano! (NIETZSCHE, 2001, p. 196)

Não é necessário ir muito longe para atestar o diálogo com o originário do poético-filosófico – inclusive pelo teor das passagens nietzscheanas apontadas aqui. No aforismo 333 de *A gaia ciência*, aponta a profundidade do pensar frente à razão, sentenciando que “o pensar *consciente*, em particular o do filósofo, é a espécie menos vigorosa de pensamento” (2001, p. 221), justamente por ter feito esse percurso de “despoetização” para se adequar à enunciação formal.

Seria por demais fácil conceber o composto “poético-filosófico”, isto é, a identidade das duas geleiras que vem guiando este texto. Ao se aproximar das reminiscências dos pensadores originários, mais popularmente conhecidos como pré-socráticos (insistência epistemológica de compreender tais autores em função de Sócrates), é dado um testemunho importante e conveniente, ao se tentar um entendimento daquilo que é poético e filosófico no Ocidente. Enquanto desprendidos da metafísica que iria dominar o pensamento ocidental até a modernidade, pensadores como Heráclito e Parmênides se colocam como os primeiros “filósofos” do Ocidente a

legarem obra escrita. No desenvolvimento da história grega, poder-se-ia compreendê-los como expoentes de um estágio intermediário entre a Grécia Mítico-Arcaica, sendo Homero e Hesíodo seus maiores expoentes, e a Grécia Clássica de Platão e Aristóteles. Pondo em questão o Ser e a dinâmica ambígua da *phýsis*, a obra dos pensadores originários dará um passo para se afastar do Caos primordial (*Kháos*), da Terra (*Gaîa*), das sagas de deuses e heróis de outrora.

Se o eterno velar-se e desvelar-se da realidade, dinâmica, não é abordado miticamente, também não o é à luz da Filosofia como tal, formalizada pela Academia platônica, cujo desdobramento em matéria de pensamento se convencionou chamar metafísica. Será com um particular recorte da realidade que se instituirá a metafísica, a Filosofia e a própria Ciência.

Os pensadores originários, em seu pensamento, ainda reúnem no seu dizer o sentido da Poesia a que se vem aludindo aqui, o vigor da linguagem enquanto *poíesis*. A esse cuidado com a linguagem, numa tentativa de re-produzir o falar das Musas, é que se chama de fazer poético. É por isso que se torna impossível dissociar poesia de pensamento: o cuidar da linguagem, enquanto pensar, será sempre poético, abençoado por Memória (*Mnemósyne*) e suas filhas (*Moûsai*), já que a Memória só se essencializa no canto do aedo. E o aedo e o pensador originário quase não se distinguem. O aedo é um pensador originário, na medida em que está lançado nas questões-mundos e ouve as palavras acalentantes das Musas. O inverso, porém, não necessariamente é verdade. Embora compartilhe uma dimensão radical e originária com o poeta, pensadores originários já não cantam. *He sophía*, sabedoria própria do poeta, também é possuída pelo pensador originário, na medida em que “é aquele ‘conhecimento’ técnico que é fundado e impulsionado pela essência do agir” (CASTRO, 2006b), embora se tenha mitigado o poder instaurador da palavra cantada. Nos pensadores originários, o vigor da palavra se encaminha para uma formalização filosófica.

O fundamental, decerto, é como *techné*, técnica, e *poíesis*, agir, se articulam no fazer tanto do aedo quanto do pensador originário. Para ambos, a Poética não será um conjunto de técnicas de produção ou de disposição num discurso, mas a maneira harmônica pela qual, com o auxílio da sabedoria poética, se com-põem *techné* e *poíesis*: “A obra, ao contrário [daquilo que é eficiente, máquina], não faz desaparecer, mas eleva o material a si mesmo na tensão de cultura e natureza” (LEÃO, 1991, p. 252) – isto é, a *techné* mais se torna própria enquanto evidencia a *poíesis*: não é a técnica um fim em si

mesma, mas deixar acontecer o espetáculo da *poíesis*, esta elevando a técnica empregada na obra e constitutiva da mesma. Ao longo do desenvolvimento da cultura helênica até os dias atuais, este vigor poético seria aos poucos desgastado, a que se pode atribuir, além dos motivos já citados, à latinização do mundo e das noções da cultura helênica, conforme Heidegger interpreta:

A latinização ocorre como uma *transformação da essência da verdade e do ser* no interior do domínio da história greco-romana. (...) O estado histórico de mundo, que chamamos de idade moderna, seguindo a cronologia historiográfica, está fundado no evento de latinização da Grécia. (...) Nossas representações fundamentais usuais, ou seja, as latinas, cristãs, modernas, falham miseravelmente em apreender a essência primordial da Grécia antiga. (2008, p. 69-70)

Tal essência primordial da Grécia antiga a que se refere Heidegger, se está distante, como conceito, no sentido cronológico e historiográfico, pode ser acessada pelo pensamento originário, em especial nas obras poéticas dos gregos, de que Heidegger se vale tantas vezes. Além disso, e mais importante aqui, é que a interpretação poética do real que Heidegger associa à Grécia antiga permanece digna de questão: obras poéticas continuam a se estruturar no jogo da Linguagem, isto é, se fazendo (*téchne*) emergir (*poíesis*).

Pelo testemunho dos pensadores originários, vê-se sua semelhança a aedos ou a poetas, numa dimensão de pensamento igualmente rica, embora talvez não se possa os igualar. Contudo, os pensadores originários e aedos não são exemplos pontuais de conjugação de uma Poética da *poíesis* (CASTRO, 1998): o que dizer das obras dos pensadores que tentaram um retorno poético ao originário, como Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche? Seus pensamentos são amplamente debatidos, e suas obras os apresentam de maneira necessariamente poética: seu discurso poético torna-se indissociável pelos seus pensamentos – o discurso torna-se o próprio pensamento. O entendimento e o carinho da linguagem como aquilo que dá sentido a toda existência convocará um pensamento profundo, embrenhado nas dobras da linguagem. Da mesma forma, só se pensando radicalmente, se consegue esse cuidado com a linguagem. Toda linguagem que se faz nas dobras é entendida como poética: complexa, mas simples. Da mesma forma se articula o pensamento. Mas o que faz com que tais pensadores sejam entendidos como filósofos e não como poetas-pensadores? Uma questão de forma-fôrma? De temática? Aqui vale lembrar a reflexão de Aristóteles, no primeiro capítulo

da *Poética*: não é a forma que faz a poesia. Aristóteles buscará, como se sabe, distinguir meios, objetos, funções e modos da poesia, partindo principalmente da *mimesis*, mas, “efetivamente, não temos denominador comum” (1984, p. 241) a definir as diferenças possíveis entre todas as manifestações da palavra, ao menos no campo da forma, como explica Eudoro de Sousa: “é a independência do conteúdo poético em relação à forma métrica e, por conseguinte, a indistinção formal entre prosa e verso, que vêm a subordinar-se, ambos, à essência imitativa da poesia” (1984, p. 274).

Considerar estritamente como filósofos, enfim, os pensadores originários, como Parmênides ou Heráclito, ou pensadores poéticos como Nietzsche e Heidegger é problemático, visto que para eles o poético permanece questão privilegiada. Igualmente problemático é não os considerar poetas, ou melhor, não considerar suas obras como poéticas. O peculiar é de difícil aceitação: no extraordinário pode morar o homem, como nos diz Heráclito: “*éthos anthrôpou daímon*” (2005, p. 91), mas lá decerto não mora o teórico, o categorizador, pois aí nada há de extraordinário, apenas a cristalização conceitual. Nesta, a que se habituou no meio acadêmico, ignora-se a vigência das obras, o que só dá conta dos próprios conceitos, e não das obras. Enquanto os leitores das grandes obras da literatura universal, ou mesmo das que mais lhes conclamam (o acontecer poético começa no convite, afinal), sabem o que é uma obra de arte. Talvez enquanto as leiam, os leitores saibam, jogados nas dobras do complexo e ainda retendo seus (pré-)conceitos sobre arte. No momento tudo faz sentido, se plenifica. A arte é facilmente sentida, mas dificilmente demonstrada e comprovada. Daí a difícil elaboração de conceitos e categorias sobre as obras de arte.

A poesia é, assim como o pensar, uma experiência do sagrado a partir da manifestação daquilo que é. Como entender essa experiência singular? O que é constitutivo do sagrado? O sagrado não possui outro lugar senão o humano e, portanto, o extra-ordinário – entendido aqui no seu sentido mais simples, ou seja, aquilo que é incomum, in-crível, maravilhoso. Aqui também se encaixam “milagres”, mas o sagrado emerge primordialmente da tensão eterna do homem como ser lançado no mundo. Para sempre angustiados e insatisfeitos. Ora, nada mais justo: satisfeitos, os homens entediam-se e morrem, afastando-se de seu princípio, a paixão, como lembra Kierkegaard: “é na paixão que toda a vida humana encontra a sua unidade” (1998, p. 88). Mas a essência do homem se dá poeticamente no acontecer, sendo, acontecendo. Acontecendo, sendo, impõe-se a questão do pensamento. A experiência do sagrado é

uma experiência de pensamento, ou seja, de acolhimento da manifestação do real. Heidegger articula pensamento à paixão e à proveniência do Ser como próprios do humano:

O afastamento e até a perda do pensamento acontece quando ele se afasta do seu elemento. Que elemento é este? O elemento é o propriamente poderoso: o poder. Ele se apega ao pensamento e assim conduz à sua essência. O pensamento pertence ao Ser e é provocado por ser. Ele aumenta o Ser. O pensamento significa: o ser se apegou, num destino histórico, à sua essência. Apegar-se a uma coisa ou pessoa em sua essência quer dizer: amá-la, querê-la. (1967, p. 28)

É no caminho de aceitar e dia-logar com seus próprios limites e maravilhamento diante das grandes tensões-questões, como o ser e o não-ser, o saber e o não-saber, o dito e o silêncio, memória e esquecimento, que o homem tem a sua epifania sagrada: seja na obra poética, seja na religião, seja no pensamento. Uma obra poética não se dá sem pensar, e o pensar não se dá de outra forma senão poeticamente.

Pode-se realmente igualar obra poética e pensamento? O que distingue, essencialmente, um pensador originário de Hesíodo, ou Heidegger de Manoel de Barros? Como as obras independem dos autores, mais genuína é a pergunta: o que difere suas obras? Que se entenda o co-pertencimento de poesia e pensamento, como se indicou até aqui, algo ainda não parece certo em chamá-los de iguais, e não é só pelo costume da tradição de separá-los em categorias distintas. O que indica esse desconforto? Trata-se do mistério da questão.

Como se encontra o poético e o filosófico hoje, na era da Ciência? Como se dá esse diálogo a nível universitário? Desde a instauração da Academia platônica, como já foi dito, o poético e o filosófico se separaram e vêm sofrendo um desgaste crescente desde então, especialmente a partir da consolidação do capitalismo e da modernidade. Ao ser regido pela técnica, pela eficiência e pela economia política, não tem mais o homem tempo para o homem, pois sua vigência repousa não na busca daquilo que lhe é mais próprio (ser o que é), mas na conformação aos costumes e tradições, aos ditames da moda e do mercado, no desenvolvimento do intelecto apenas para julgar, já dentro dos sistemas de raciocínio dicotômicos de muito tempo. Tais costumes e tradições não se formulam a partir de vivências e experiências particulares, mas, pelo contrário, pressionam o ser humano desde cedo a enquadrar e reger suas experiências por uma ideia, constituindo o que se chama de moral. Não apenas a moral judaico-cristã, tanto

ataca por Nietzsche, mas também sua roupagem moderna, o cientificismo, os ideais “democráticos” e a alienação generalizada e estereotípica dos meios de comunicação em massa. Quais as possibilidades então do poético e do filosófico, tendo em vista essa dimensão?

No caso da Filosofia, a confusão com a Ciência só evidenciará cada vez mais sua insuficiência e descartabilidade, por aquela fuga desesperada do poético já apontada neste texto. A Poesia, por sua vez, guiada pelos índices de venda (de livros, pinturas, músicas), ou pelo empobrecido discurso libertador da arte contemporânea, que termina o processo histórico de esvaziá-la. Tampouco conseguirão Filosofia e Poesia subsistir na insistência formalizante e conteudista da escola moderna, ainda tradicional, onde professores buscam argumentos dos mais diversos para tentar justificar seu aprendizado. Ainda que cinzas, essas considerações se referem não ao todo da Filosofia ou da Poesia, mas sim à sua repercussão social. Na era da Ciência, a Poesia e a Filosofia persistem e devem persistir nos guetos e resistências de pensamento da sociedade contemporânea, e vão ainda persistir, certamente, seja lá quais forem as circunstâncias, enquanto o homem permanecer um pro-jeto, um vir-a-ser, um salto ao infinito, ao impossível. Enquanto houver questões, isto é, ser humano, haverá o espanto da Poesia e da Filosofia com elas.

O aparelhamento conceitual do poético, ao manifestar-se como campo de estudo nas universidades, pode trazer convenientes indicações de estudo, sim, mas nunca se constituir como metodologia. Os acadêmicos e teóricos tendem a não se identificar com o eterno questionar-se da Poesia e também da Filosofia autêntica (a que busca seu princípio poético), buscando uma verdade da e na Poesia que não seja ela mesma e seu agir mundificante. De modo estranho e inverso, cria-se uma repulsa a todo pensamento que não venha ao auxílio da tecnicidade que institui Ciência e Teorias da Literatura, por exemplo, até mesmo quando a própria Filosofia tradicional dá indicações que auxiliam a pensar o fenômeno poético. Por exemplo, discutir a metafísica aristotélica pode ser muito apropriado, se com isso se entende quais pressupostos o pensador grego elabora sua Poética, ou até mesmo, com isso, se criticarem certos aspectos da sociedade contemporânea. Uma “análise formal” de uma obra grega pode ser completamente sem sentido se não for feito o esforço de trazer à tona o pensamento e a vigência grega, isto é, o que lhe é próprio. No caso da Filosofia, a recusa do diálogo com a Poesia, mesmo dentro dos sistemas de pensamento a que está acostumada, também mina seus esforços. Mas não há problema: mesmo quando o teórico se equivoca nesses desvios do poético, a

questão se põe como questão e o poema está poemando e não se incomoda. Voltar aos sentidos e pôr o idealismo em suspeita já recomendava Nietzsche:

Houve tempo em que os filósofos temeram os sentidos (...) Achavam que os sentidos os atraíam para fora do *seu* mundo, do frio reino das “ideias”, rumo a uma perigosa ilha do Sul: na qual, temiam, suas virtudes filosóficas se derreteriam como neve ao sol (...) Hoje seríamos inclinados ao julgamento oposto (que bem pode ser igualmente falso): isto é, que as *ideias* são sedutoras piores que os sentidos, com toda sua anêmica e fria aparência (2001, p. 275-6).

Nem o ídolo dos sentidos, nem o do idealismo. O diálogo é fundamental: o Ser se funda na Linguagem, nela se fazendo sentido. Será a Linguagem que permitirá a tensão essencial entre Ser e Não-Ser, e assim destinará cada ser humano a si mesmo. Sendo assim, que até não sejam idênticas as geleiras do poeta e do pensador, mas certamente dialogam, mesmo quando supõem atestar sua total diferença, o que não procede: geleiras do mesmo gelo, fundadas na mesma terra. Nessa co-pertinência podem gelar-se e regelar-se ao seu esvaziamento contemporâneo, à busca daquilo que nelas é essencial, o poético. Para qualquer estudo de Poesia e de Filosofia, ele precisa ser antes de tudo poético: “*viver perigosamente!* Construam suas cidades próximo ao Vesúvio! Mandem seus navios por mares inexplorados!” (NIETZSCHE, 2001, p.192), mares em que navega o pensamento livre, questionador.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica. Ética a Nicômico. Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CASTRO, M. A. de. A leitura, a interpretação e o corpo. Disponível em <http://travessia poetica.blogspot.com.br/2006/08/leitura-interpretao-e-o-corpo-23-08-06.html>. Acesso em 27 set. 2017.

CASTRO, M. A. de. *Poética e poiesis: a questão da interpretação*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1998.

CASTRO, M. A. de. A poética da poiesis segundo G. Rosa. Disponível em <http://travessiapoetica.blogspot.com.br/2006/09/perguntas-sobre-entrevista-de-rosa-05.html>. Acesso em 27 set. 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Cartas sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HEIDEGGER, M. *Parmênides*. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2008.

JARDIM, A. Quando a paixão é filosofia. In: CASTRO, M. A. de (org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

KIERKEGAARD, Soren. *Temor e tremor*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

LEÃO, E. C. Arte e realidade In: *Aprendendo a Pensar II*. Petrópolis: Vozes, 1991.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Os Pensadores Originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. 4. ed. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.

PUCHEU, A. Escritos da admiração. In: PUCHEU, Alberto (org.). *Poesia (e) Filosofia. Por poetas-filósofos em atuação no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1998.

SOUSA, E. Comentário. In: ARISTÓTELES. *Metafísica. Ética a Nicômico. Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Abril Cultural, 1984.